1

Propriedade do Grupo "Claridade
Director: Manuel Lopes = Administração em S. Vicente, Cabo Verde
Composto e Impresso na Sociedade de Tipografia e Publicidade Lda.
São Vicente, rua Infante D. Henrique

Preço 2$00

São Vicente, Cabo Verde, número de Março 1936

lantuna & 2 motivos de "finaçom (batuques da ilha de Sant'Iago)

Chotinha bêm di lantuna
cô gudja, cô didal, cô linha

Chotinha bêm di lantuna
mona bedja bêm di barsêra

1

'M pidi Nhôr-Dés
pê câ matám muto nobo
nem pê câ matâm bedjo di-más;
pamodi

bedjo 'n tá bá storido
nobo 'n tá bá di trabessado
na subida 'n tá bá mondudo
na dixida 'n tá bá stendedo
na trabessa 'n tá bá sereno

Quel hó qu'n grandi
qu'm pôdê
'n tâ mandâ rombâ Pic'Antone
pân djobê dento chuba chobê!

2

Mocinhos sim namorado
ê sim mâ boca sim bocado
ê sim mâ carni sim mandioca
ê sim mâ copo sim garafa.

S'in tenê bedjo
tâ'infadâm
s'in tenê nobo
ta borregam...

Nha guenti
s'in ca pupa
n'ca cudido
s'in pupa
'n ta rabenta!

CLARIDADE
revista de arte e letras

Bibia

excerto do romance inédito "chiquinho"

Bibia Ludovina estava com alma. Logo depois da ceia eu e a restante meninência ouvíamos na Agua-do-Canal a conversa dos maiores, quando Pedro Xamento chegou dando a notícia. Bibia trabalhava na roupa. De-repente parou, ficou a bater com os braços e começou a gritar. Só sabia dizer que a queriam matar.

— Será mesmo alma ? duvidou nhâ Rosa Calita. Pedro Xamento garantiu. Aquilo era alma, tão certo êle ser filho de sua mãi. A voz que falava em Bibia não era de Bibia. Era uma voz de homem, grossa e com um tom zangado de capitão por fôrça. Nhô João Joana veio em reforço de Pedro Xamento. Chegava mesmo da casa de Bibia — e largou logo a novidade :

-- Espírito ruim está cangado em Bibia Ludovina . . .

-- Como, como ?

-- Não está vendo, gente ? O espírito, quando o corpo morre deixando alguma culpa ou promessa por cumprir, volta penando.

-- Fina Canda morreu de espírito, lembrou nhâ Rosa Calita. O falecido, que Deus haja, viu à hora da morte da Fina um grande avejão branco levando a alma dela.

Nhô João Joana sabia exortar espíritos. Explicou :

— A vida da criatura é uma luta entre espirituais e corporais. Espirituais de maldade captivaram os corporais de Bibia Ludovina . . .

Pediram lhe pormenores.

— Êste que cangou em Bibia Ludovina não é de brincadeira. Oh, êste é bezerro macho ! Só quere gritar e deshonrar todo o mundo.

-- Êle descompôs você ?

-- Oh, bendito seja Deus ! Deshonrou-me que foi um louvar-a-Deus. Vi que não posso fazer nada com êle por oras. Pensei na minha cabeça : João, a porta da rua é a serventia da casa. Saí charutinho . . . Logo vou exortá-lo.

A conversa seguiu no assunto que mais me interessava, almas do outro mundo. Não que eu fôsse destemido, pelo contrário ficava cheio de médo quando contavam histórias de finados. Mas seduzia-me o mundo desconhecido que vivia nestas histórias, o pitoresco aziago das correntes arrastadas, gritos agoniados, choros alta noite pedindo orações. Os casos de almas penadas tinham para mim o prestígio das coisas que passam o nosso entendimento. Veio-se a falar de uma casa grande em ruinas, que havia no Salto. De memória dos mais velhos já ela estava assim abandonada, as telhas de madeira voando ao vento, as paredes cobertas de S. Caetano no tempo das aguas. Era mal assombrada. Contavam dela casos tão terríveis, que era o meu maior desejo conhecê-la . Uma vez que Pitra Marguida ia de jornada para Juncalinho, fui com êle de propósito para a espiar. Cheguei a sonhar com ela. A casa cresceu para mim. O seu vulto aumentou do tamanho de um gigante . Os buracos no telhado eram olhos — negros e medonhos. O vulto avançou para mim feito um monstro da altura de uma rocha. Quis correr, mas as pernas ficaram crâm, sem obedecer à minha ânsia de fugir ao abraço terrível. Avançava cada vez mais. Eu sentia a respiração do monstro vassoirar-me o rosto como uma lixa. Já os seus braços, encurvados em arco, me tocavam. Ao sentir o contacto, dei um grande grito. Acordei cheio de médo. Cobri a cabeça e rezei Padrenossos e Avemarias.

Nhô João Joana contou o que sabia da casa. Fôra seu dono o velho Zeferino, antigo capitão de escravatura que enriquecera vendendo negros em Cabo-Verde e outras partes. Os mais antigos diziam coisas terríveis que êle fazia à sua escravatura. Lanhos, marcas com ferro; mortes. O seu maior prazer era abusar das negrinhas na presença dos pais. Homem sem entranhas. Para êle não havia rei nem roque. Era um hereje, nem sabia fazer o Pelo-Sinal. Também, o Sujo tomou conta da sua alma logo assim que êle morreu. E sua alma ficou penando. Nas longas noites ela enche aqueles descampados com gritos e barulho de correntes arrastando. Diz o povo que ainda a alma do velho Zeferino procura um grande tesouro, muitas peças de ouro que êle entulhara em terra, dentro de um pote de barro da Boa-Vista.

Chico Zepa não acreditava nestas histórias da alma do velho Zeferino errando por este mundo, mais de cem anos depois da morte. Nhô João garantiu. Tinha visto a alma do velho Zeferino. Era uma figura alta, embrulhada num grande lençol branco. Na cabeça trazia um chapeu de abas largas que não deixava ver bem a cara. Só se enxergava a ponta do nariz, meio comida, e os dentes descascados num sorriso que punha à gente o corpo medento. Foi de uma ocasiãoem que, tendo de vir de Juncalinho para Mórro-Braz, nhô João se enganou com o pôr do sol. Lá para aqueles desertos, sol no mar, noite na terra. A escuridão apanhara-o pelo caminho. Quando passou ao pé da casa mal-assombrada, ouviu gemidos que partiam a alma da gente. De dentro das paredes saiu a figura do velho Zeferino. Vinha muito curvada, como se arrastasse um grande peso. Nhô João ficou crâm, sem poder dar um passo. A alma passou mesmo junto dele. Quando deu acôrdo de si, nhô João desabalou na carreira como cavalo de olho furado.

-- Qual tesouro ! Tesouro de uma pele . . .

Nhâ Rosa afirmou :

-- Nhô Mané de Ramos leu no Lunário que o tesouro lá está e será encontrado por menino que tiver nascido com dois dentes, na hora em que o galo arrepiado dá a primeira pousa.

-- Uá ! Lunário virou a cabeça de nhô Mané de Ramos . . .

-- Não virou. Tu é que és um hereje. Tomara tu teres na cabeça a metade do juizo que nhô Mané tem na pontinha do dedo mindinho . . .

Nhô João esclareceu :

-- Os finados tem por sentença desfazer eles mesmos o mal que fizeram neste mundo. O dinheiro do velho Zeferino foi adquirido na venda do corpo de filhos — de — parida. Diz que a sua alma, depois de desentulhado o dinheiro, tem de andar sete anos a partilo pela pobreza. Se não partir vira capotona . . .

— Se você enxergar a alma do velho, lembre-lhe que Chico Zepa, filho de nhâ Zepa Cuína, faz parte da pobreza . . .

Pedro Xamento meteu a colher :

-- Se queres dinheiro vai ganha-lo debaixo do sol como qualquer outrum. As esmolas de Deus não foram feitas para calaceiros . . .

-- Quem te mandou meter aqui a tua colher furada ? Calaceiro tem o seu dono, filho de quarenta pais, afora os passageiros . . .

-- Gente ! Voces sirvam-me de testemunha que Chico Zepa insultou minha mãi !

-- Nhâ — Mãi ! Agora gritas ó — povo ?

-- Corro-te a mão, Chico Zepa !

— Se és filho — macho de verdade, experimenta . . .

Pedro Xamento fez funil para o adversário . Mas Pedro tinha só fôrça, Chico era ágil e passador de calaca . Montou Pedro no selim e jogou com ele em terra . A barafunda generalizou-se . Quase todos tinham raiva do Chico, que uma vez foi

denunciar a rapaziada na Administração por terem feito baile sem licença. No fim todos davam moquetes uns nos outros sem saberem já porquê. A custo a autoridade de nhô João Joana serenou o barulho. Chico Zepa ficou todo emproado, basofiando:

-- Em querendo é só experimentar. A minha mão direita é cemitério e a esquerda hospital!

Nhã Rosa Calita recordou um caso da sua mocidade. Preguntou a nhô João:

-- Você lembra-se do caso da Fina Canda?

-- Fina Canda? Não estou a enxergar...

-- Fina Canda, uma brancona, filha de nhã Canda Marguida, das Pombas. Moravam perto do Fundo-de-Balanta, junto do trapiche da casa do Dr. Júlio... Você não se lembra?

Nhô João recordou-se:

-- Ah sim, a Fina, uma rapariga de pôr no catálago! Era um bom pedaço de carne de pomba... Dizem que o Sr. Pina esteve doido por ela. Até quis tirá-la de casa, mas diz que mulher dêle, sabendo do caso, procurou nhô André Crioulo e pediu feitiço para o marido.

-- Exato e qual. Não havia gente como nhô André Crioulo para botar feitiços e fazer curas, apenas com hervas e orações numa língua que só ele entendia. Foi nhô André que curou a ferida ruim de José Capado.

Os dois velhos, afastados do caso contemporâneo de Bibia Ludovina, mergulharem nas recordações da mocidade. Todos nós ficávamos atentos, de sentido cegueirado na narração dos velhos. Eu largava tudo para os ouvir. Nos dias em que sabia que eles iriam depois da ceia para a Agua-do-Canal, eu engulia a cachupa à pressa e não sossegava enquanto não me via no caminho da Combota. Era sempre guerra certa com mamãi-velha. Mamãi-velha não compreendia que era ela, nhã Rosa, nhô João, todos os velhos, que com as suas histórias iam modelando minha alma de menino. E a lábia com que contavam! Os casos apareciam na nossa frente, vivendo.

Contaram o caso de José Capado. Era homem casado, mas tinha uma mulher muito ciumenta. Êle andava amigado com uma tal Maria Guida, das Fontainhas. A mulher experimentou tudo para separar os dois, mas nada. Nhô José estava mesmo mandingado para Maria Guida: Ela tirou-de sua cabeça um remédio terrível. Um dia em que Maria Guida desceu à Vila, ela deu ao marido um chá de dormideira que pôs o homem na cama com um sono de morto.

Mandou chamar a rival. Que tinha um assunto de importância a tratar com ela. Maria Guida, na sua inocência, apareceu. A mulher tratou-a muito bem, ofereceu-lhe café e cuscus. Foi assim enganado Maria Guida, até que esta lhe preguntou para que a queria.

-- Espere aqui um bocadinho. A mulher foi para o quarto onde estava o marido. Êste dormia sono que não parecia sono da vida. A mulher botou-lhe as calças abaixo e capou-o. Chamou Maria Guida. Mostrou-lhe a grande ferida do marido e depois, entregando-lhe a coisa, que ela segurava na mão suja de sangue, disse-lhe:

-- Agora você vai-se amigar é com isto... E virando-se para o marido, que se estorcia:

-- Ké, kéclé klé! Galo capão já não pode fazer porcaria! Maria Guida caiu no chão, espumando pela bôca, com um faniquito. Foi um grande abalo na Vila. A ferida custou a sarar. Nhô André Crioulo é que a curou com uns emplastros de hervas piladas juntamente com cabelos do sovaco de Maria Guida. Botaram a mulher por cinco anos no degredo da Costa d'Africa.

Chico Zepa quis saber pormenores:

-- Mas José Capado ficou mesmo capado?

-- Claro é. A mulher cortou rentinho...

-- Então já não ficou homem...

-- Ficou com um toquinho que não lhe servia para nada, salvante para as águas...

As raparigas passaram logo a chamar José Capado a Lela Bento que, apesar de ser já homem feito, de barba na cara, diziam que nunca tinha conhecido mulher. Os rapazes chacotearam:

-- Zé Capado, tu és macho ou fêmea?

-- Qualquer dia a gente vai despir Zé Capado para espiar...

-- Certo, certo, Zé Capado é macho-fêmea...

-- Zé Capado, Tuda Prisca diz que és tonto...

Lela Bento voltou-se zangado para Tuda:

-- Tonto? Quando é que me deste que eu não tomei?

-- Ai ai! Em mim é que queres abrir os olhos? Com licença, Zé Capado, capão não mete franga portugaleja médo...

Chico Zepa e os outros rapazes riram largamente. Lela Bento embatucou, injuriado. Quando passou a risada, pedimos à velha Calita que nos contasse o caso de Fina Canda. Era uma história de espíritos, com todos os pormenores habituais: voz de pessoa diferente, gritos, pedidos de reza para cumprimento de promessas que a morte deixou em aberto.

Nestas conversas a morte andava ombro a ombro connosco. Todos os finados tinham as mesmas necessidades e gostos dos viventes. Nós concebíamos a Morte como uma outra vida semelhante a esta. O nosso destino além túmulo perdia assim parte dos seus mistérios. Cada qual podia perfeitamente imaginar o que faria depois de morto, seus amores, seus ódios, suas camaradagens.

Nhô Roberto Tomásia chegou esbaforido, chamando nhô João Joana. Bibia Ludovina estava alterada e não deixava ninguém sossegar. Nhô João que fosse rezar e exortar Bibia. E moços de força também, para segurarem a rapariga. Fui com êles dar fé. Ainda longe da casa já se ouviam os gritos de Bibia furando a noite. Ela gritava, gritava:

-- *Bocês câ matóme, boces câ matóme!*

Ainda tenho nos ouvidos esse grito lancinante de Bibia: *não me matem, não me matem!* Depois dava umas gargalhadas que faziam mal à gente. Aquelas gargalhadas feriam-me como faca bem afiada. Aqueles gritos, aquelas gargalhadas ficavam-me bulindo cá dentro. Tinha a impressão de que dentro de mim havia um exército de demónios atassalhando me a alma com lanhos. E eu chegava-me para mais perto dos companheiros, tomado de medo. Mas não sentia médo da alma que estava cangada em Bibia. O meu instinto dizia-me que a espírito queria só Bibia, não queria os outros. Eu sentia medo dos gritos e das gargalhadas de Bibia Ludovina furando a noite. Ia a rezar baixinho. Quando passava junto de uma sombra de pé-de-mato fazia o Pelo-Sinal. E Bibia Lodovina gritando. Eram a única realidade na noite aqueles gritos e aquelas gargalhadas. Eram uma presença vivíssima na noite:

-- *Boces câ matóme, bocês câ matóme!* E as gargalhadas seguiam prolongadas, sinistras, como se saissem de gargantas de demónios. Uma estrêla cadente riscou a noite. Tive um arrepio aziago. Recolhi-me numa oração.

A companhia ia em grande silencio. Nos intervalos dos gritos e das gargalhadas só o batuque dos grilos. Nem o Chico Zepa se atrevia a dizer as suas graçolas. E que os gritos de Bibia Ludovina nos apertavam a alma. Quando chegámos perto da casa, nhô João começou a rezar Avemarias. Os outros respondiam em côro a Santa-Maria-Mãi-de-Deus, como nos terços das Divinas. Bibia estava completamente transformada. Mal se conhecia. Suas feições torcidas em jeitos medonhos. A boca alargava-se como uma fenda, entortada para o lado direito. Os olhos tinham um olhar fixo, desvairado. Ela só fazia gritar. Dois homens mal podiam aguentá-la. Captivaram-lhe os braços e as pernas, mas mesmo assim o corpo agitava-se todo, sacudido de tremores convulsos. De-repente surpreendia os homens com um estição. O corpo ficava curvado em arco, a barriga proeminente. Nestes momentos emmudecia, boca cerrada, dentes apertados. Duas mulheres procuravam impedir que ela fechasse os dedos. Depois voltava a si. Novamente o corpo ficava sacudindo em tremores. E as gargalhadas anavalhando-me a alma. Parecia me que uma caterva de demónios avançava naquelas gargalhadas para me devorar. Tive uma vontade desesperada

(Continua na página sete)

É C R A N

a Osório de Oliveira

Para além destas ondas que não param nunca,
atrás dêste horizonte sempre igual,
no extremo dêstes sulcos brancos sobre o mar azul
(cinzento nos dias de ventania)
que as hélices deixaram, impelindo
os cascos inquietos dos vapores...

– (Sonhos rolando sobre um abismo de ironia:
promessas de outro mundo mais lindo,
– ó meus gritos interiores!...)

– há outros gritos diferentes,
os olhos cheios de outra imagem do mundo,
nervos febris picados do delírio da civilização
que a distância do Atlântico dissolve antes de chegar;
há o "homem no meio da multidão";
há as grandes perspectivas dos continentes
aonde não chega a canção evocativa do quebra-mar;

(e há os pormenores: o combóio – aço a morder aço –
levando as cidades atravez o sossêgo imenso dos campos;
o avião furando vertiginosamente o espaço
acendendo e apagando na noite os olhos faiscantes como pirilampos;
as ambições multimilionárias
dos reis de coisas várias
enchendo o mundo de cartazes
que são a beleza do seculo XX,
e que os meus olhos vorazes,
angustiosos, de pedinte
sorvem nos jornais e revistas atrasadas;

há as stars soberbas, desejadas,
efêmeras como deusas de papelão;
e debaixo de todo um mundanismo perdulário e inútil, de bom-tom,
a vida fácil que se agita ao alcance de tôda a mão,
o ódio impotente, o crime, a miséria, o bas-fond;
a luta desesperada no redemoinho,
– que aqui nada disto existe: é tudo resignação –
e nessa confusão
cada um seguindo o seu caminho...)

(Continua na página sete)

TOMADA DE VISTA

PREPARAÇÃO. -

O homem focado isoladamente não poderá servir de indice para a compreensão totalitária da comunidade a que pertence, porque pode constituir uma excepção colocada acima ou abaixo dessa comunidade. Para êsse fim o individuo seria tanto mais perfeito quanto mais fiel fôsse sua realidade particular à realidade total da raça, isto é, quanto mais inteiramente assimilasse as virtudes e os defeitos que a caracterizassem. Quando se estuda a sociedade esquece-se o individuo em proveito dessa sociedade, e da mesma maneira o individuo deve excluir-se da comunidade e supôr-se sempre fóra do alvo das considerações que buscam a compreensão do bloco a que êle pertence, tanto mais que não pode considerar-se mais que uma contribuição elementar, obscura, mesmo situado num plano acima dos juizos de conjunto . . .

MOTE. -

É vulgar verem-se desembarcar nestas ilhas africanas, principalmente em S. Vicente, estrangeiros sedentos de exotismos, com aquela doentia curiosidade de quem pisa terras de Africa e, por conseguinte, terras de mistério, e que ao cabo de meia hora de cirandagem, tornam a embarcar desiludidos e azedos, porque nada de novo colheram, nenhum mistério desvendaram: não viram manipansos, não assistiram sequer a uma sessão de magia negra. O problema do caboverdeano é menos de ordem tradicional e estático, que cultural e dinâmico.

Há quem suponha o caboverdeano um povo cuja ambição se limita à insuficiencia geográfica da sua terra, vítimas voluntárias (gostosas) dum destino trágico: um povo sem inquietações, bastando-se a si mesmo, da precisa estatura do ambiente em que vive, possuindo, em conclusão, um sentido simplista da vida.

PRUDENCIA E EXPANSIONISMO. -

. . . Essa suposta sujeição voluntária dos filhos de Cabo Verde aos limites impostos pela sua terra, supondo nisso uma limitação de aspirações correspondente à insuficiência ambiente, é desmentida pela consciência que êle tem dessa insuficiencia, e sobretudo pela inquietação que caracteriza o seu fundo psicológico. As condições de vida exterior impõem-lhe uma dose moderada de prudência, que é a contra-partida do seu instinto de expansão. Essa prudencia não lhe permite satisfazer plenamente o seu desejo de aventura. Dum lado temos o instinto de libertação criada por dois factores: a sua condição de ilheu (o mar é um convite a estender-se ao redor) e a esterilidade da terra, as estiagens repetidas, (o penedo de Sísifo impulsionado pela esperança de conseguir o fim, a qual a par e passo se desilude), - e por outro lado o amor por essa mesma terra de que ele pretende libertar-se, a sua prudencia, e, em conclusão, a sua trágica renuncia às longas distancias - ou o regresso inevitavel impôsto pelo nostalgia. Fluxos e refluxos do seu espirito aparentemente contraditorio; o seu instinto é um *ferry-boat* com movimento inverso ao da sua imposição consciente. Deante duma observação paciente o crioulo revela contrastes e matizes psicologicos que desconcertam. Mas tem a alma velada duma certa maneira: não a guarda misteriosamente dentro de si, não a encobre; a primeira dificuldade que o observador encontra no estudo da alma caboverdeana reside precisamente no facto paradoxal da sua extrema sinceridade, isto é, na sua simplicidade.

CONFLITO. -

Devemos, *in limine*, considerar no caboverdeano a co-existencia de duas atitudes opostas, ambivalentes, cuja luta dá em parte origem ao seu conflito psicológico. Ao *wanderlust* contrapõe-se a nostalgia, a *hantise* do regresso. Em que consiste cada uma dessas atitudes? O desejo de partir nêle é uma obsessão. Todo caboverdeano vive na ilusão de que não morrerá antes de "conhecer mundo". Esta ilusão é alimentada pelos que regressam, pelos marítimos, pelos emigrantes, pelas cartas que vem de longe, pelo sentimento obsessional de lógares melhores. O caboverdeano tem o espirito cheio de visões distantes. Sonha libertar-se do "palude". Partir, é, para ele, viver. "C'est ne pas partir qui est mourir en peu", como disse Morand.

LIBERTAÇAO MORAL. -

Mas há uma outra razão que deveria ser dita entre-parentesis, mais delicada e restricta, e já de ordem social, que o impele para fóra É um motivo experimental de libertação moral. Tendo chegado a um estado de pleno desenvolvimento espiritual, a condição de colonia, que é a da sua terra, cria nêle uma convicção segundo a qual a sua acção é limitada e restringida. A sua ansiedade de partir é impulsionada em grande parte por uma espécie do que poderei chamar "libertação tabú", (tabú no sentido de interdição). E então fora de Cabo Verde, não só no estrangeiro como na Metrópole, sente-se mais *êle mesmo*, não vê "contrariadas" suas possibilidades de realização.

COMPROMISSO. -

Todavia nunca renuncia à terra. D'aí a ideia fixa da terra. "Ha-de voltar um dia". D'aí a nostalgia. A resolução antecipada do retôrno já é nostalgia em estado embrionário. A' obsessão de partir, sobrepõe-se depois a obsessão de voltar, a *hantise* do regresso. A nostalgia nasce nêle da resolução antecipada de voltar, tornando-se em consequencia uma questão menos sentimental que moral, compromisso que é antecipação a uma inquietude futura, semelhante ao remorso.

MIMETISMO. -

Uma pregunta inevitável: Porque será que o caboverdeano, quando fora de Cabo Verde, segue o ritmo perfeitamente igual do progresso, adapta-se a nova civilização, sintoniza-se, vive a vida intensamente, mas voltando à terra (a esta sua terra cujas insuficiencias êle sempre reconheceu), retrograda, torna a integrar-se na vida monótona, provinciana, remonta tranquilamente ao passado, como se o passo tanto para deante como para trás lhe fôsse a coisa mais natural do mundo? Como se explica êsse retrocesso, o não prolongamente aqui da sua maneira de ser lá fóra, essa renúncia aos benefícios que a sua facilidade de adaptação lhe permitiu fruir, como é o de se tornar mais humano, ao pisar terra estranha, pela formidável superação em si das insuficiências anteriores?

Essa transigencia com o ambiente exterior é, em grande parte, devida à sua facilidade de assimilação e adaptação ao meio. Diz Gasset ("Notas" pg. 7) referindo-se a uma teoria dum naturalista francês: "Segun el, no alcanca la victoria en la lucha por la existencia el tipo mejor adaptado al medio, sino por el contrario, el que posee energia suficiente para perdurar tal y como es al travez de medios que se modifican", isto é, acrescento, tal como vai sendo de progresso em progresso, de superação em superação; pois que superar-se é ser-se melhor do que se é, sem se ser diferente. Ora o caboverdeano, em geral, é producto duma plasmação ambiente, Anda sempre a altura das situações, não acima delas. Não é um povo que se imponha em contínuas superações de si mesmo; é incapaz dum esforço sobre si mesmo.

Mas será esta uma insuficiência natural? Vejamos. A culpa será dêle ou do seu destino? Onde é que o homem primeiro ensaia as suas possibilidades de realização senão no recanto do mundo que êle chama a sua pátria? Sua escola de realização está ali. Essa convicção de que falo atrás (LIBERTAÇÃO MORAL), calá na garganta do caboverdeano o grito de possibilidades. D'aí a mecânica dos seus gestos, o seu *laisser passer*, que a permanência mais ou menos longa no estrangeiro corrige. Cabo Verde é mãi dos caboverdeanos. Outros têm uma pátria que lhes é pai e mãi, e são por isso seus filhos pela inteligência e pelo coração.

PSICANÁLISE.

Admitindo no individuo uma formação psicológica particular provocada pelos reflexos das reacções ou aceitações infantis, das convicções ambientes em que lhe foi administrada a educação etc enfim por uma série de circunstâncias em jôgo com a sua sensibilidade, - devemos admití-la também dum modo geral, numa comunidade de individuos, sujeitos às mesmas condições de vida circunstante, usando a mesma língua e os mesmos costumes, etc. Nós sabemos que o clima e todos os seus fenómenos, a paisagem e todos os seus aspectos exercem um controle permanente, uma acção ora lenta ora rápida sobre a formação psicológica dum povo, assim como a pressão exercida pela familia, pelo pai e pela mãi de forma diferente, sobre a sensibilidade do menino. Duma maneira geral, o clima, a língua, os costumes, a paisagem exercem sobre o aglomerado de individuos que se submetem às suas condições exteriores, uma função plasmadora mais ou menos comparável à condição de vida familiar sôbre o caracter da criança, a qual, depois de adulta e liberta dos laços de familia, mantem-se contudo pela vida fora sob a sua acção escravizadora. A psicanálise, estudando este fenómeno educacional, explicou-o considerando-o sob dois aspectos: de fixação materna e complexus paterno. Tanto os que vivem sob o signo do primeiro, isto é, os introvertidos, como estes ultimos, extravertidos, são anormais. Da mesma maneira há povos anormais. Ha-os introvertidos, como os caboverdeanos, e ha-os extravertidos. Que são extravertidos e introvertidos?

Define-os assim o psicanalista J. Ralph: "O extravertido procura o poder, tenta conduzir, é agressivo, rebelde à autoridade, procurando impôr a sua vontade à dos demais. O introvertido é submisso, evita a responsabilidade, satifaz-se em seguir os outros... "Uns e outros são vitimas de defeitos de educação.

AH, A MORNA... -

Na morna, expressão musical do povo, verifica-se a simbiose dos elementos mais dispares de que se compõe essa alma inquieta. A diversidade de aspectos que a morna apresenta, desde a saudade, o lirismo amoroso, à sátira mais mordaz, a tristeza e a alegria cheia de sol que ela traduz, é profundamente sintomatica e reveladora. Na morna encontramos dois elementos principais que se subdividem depois em elementos de segunda ordem: o apelo da carne, o desejo, a posse - sensualidade; e espiritualismo puro, o devaneio, o amor platónico - a saudade, isto é, dum lado a carne, do outro lado o espirito. Do lado da carne, a perversidade, onde o seu aspecto mordaz se contém. Do lado do espirito, a saudade, a ansiedade de partir (saudade do mais adeante), o *wanderlust* dos ingleses, a sua quási doentia inquietação das distâncias. O primeiro aspecto tem qualquer coisa de artificial, talvez, pois o caverdeano é um tanto ou quanto aério, sonhador, mesmo no acto de posse. D'aí a *perversidade* ou antes a volubilidade do homem, e a humildade e passiva ternura da mulher.

SIROCO.

... O lirismo é por vezes batido dessa perversidade. É o siroco, é a África a latejar, no fundo biológico, atávico, na distância...

MANUEL LOPES

2 poemas

DE PEDRO CORSINO AZEVEDO

– Não sei bem o que eu quero;
há um constante desespêro,
uma ânsia de atingir
em mim
que muito me faz sofrer,
porque não sei onde estou,
para que eu saiba aonde vou.

Assim,
às vezes canto nem sei pórquê...
... cantares que me saem da alma,
longinquos,
relembrando
um outro que eu fui e agora já não sou,
mas que eu quero tornar a ser!

: Tangem sinos naquela catedral...
Ai o mal
que me fazem as asas
que batem, que batem,
devorando o nada!

E sismo naquele abismo
tão fundo
onde está a raiz do mundo...

Não sei!... não sei!
Sinto-me baixar,
subir,
a sorrir
e a chorar,
como menino
que baloiça em curvas pelo ar...
É aquele abismo atrai-me,
atrai-me irresistivel,
e subo pelo andaime
da vida - insensivel,
abandono-me e baloiço,
baloiço doidamente,
baloiço loucamente,
a procurar no vão e vácuo
a sensação de alguma coisa que eu senti mas já não sei
quando
nem onde...

❧

– Há no meu intimo a mais cruel batalha;
minha alma, em sortidas loucas,
ralha o meu corpo...
Há em mim não sei se mil justas bôcas
clamando a hora em que ofendi meu Deus!

Ah! Eu lamento as honestas ânsias
que o jovem louco espesinhou sem dó...
Por isso agora, na incessante luta,
sou triste e só,
a calcular distâncias...

– Eu quero alçar-me à perfeição, ainda!
grita a criança amordaçada, ao fundo

– Mundo,
deixa minha alma ser criança!

de fugir. Mas trancava-me ali o medo. Sentia que não teria coragem de ir até casa, acompanhado todo o caminho pelo riso de Bibia Ludovina.

Quando ela viu aquele povo todo entrando gritou:

-- Que é que vocês vêm cá fazer? Para trás, vão para fora, saiam! Vocês vêm-me matar! Não quero que me matem!

Seu olhar desvairava-se ainda mais. Depois a voz suplicava, enfraquecida: *bocês câ matóme, bocês câ matóme!*

Nho João Joana avançou para Bibia. Gritou, imperativo:

-- Da parte de Deus, quem sois? Bibia soltou uma gargalhada longa, que lhe botou a cabeça para trás. Nho João, autoritário:

-- Em nome de Deus Nossenhor Jesus Cristo, que veio à terra para nos remir e salvar, ordeno-te que me digas quem és!

-- Quere saber quem sou? Pois você há-de ficar com esta graça...

Nhô João intimou-nos:

– Concentrem-se e rezem duas Avemarias e dois Padrenossos pelo descanso das almas penadas. Todo o circulo silenciou, no recolhimento da oração.

– Credo e Gloria-Patri pelas almas que penam no Purgatório. Nhô João, de pé no meio do quarto, derrubou a cabeça, orando. Bibia ia serenando. De-repente, ficou a resfolegar.

– Tu estás muito cansado... Parece que andaste muito...

Venho de muito longe. Estou cansado e quero-me ir deitar...

– Aonde?

– Não sei. Há muito tempo que não tenho cama. Tenho feito é andar errante pelo mundo, como filho sem pai.

– Pela misericórdia do Senhor da Vida e da Morte, irás descansar na glória do Paraíso.

– Meu lugar é no inferno. E Bibia gritando:

– Quero-me ir embora, quero-me ir embora!

– Vai, quem te impede de ir?

– Vou, mas tenho de levar Bibia.

– Ah isso é que não levas...

– Quero levar Bibia!

– Em nome de Deus, não a levas. Bibia é desta vida e tu és de outro mundo. Nho João pegou no dedinho mindinho de Bibia e torceu até quase estortegar. Bocaram a Bibia um binde na cabeça. Sentaram-na num pilão, Rezámos. Nho João interrogando:

-- Da parte de Deus, quem sois? Que queres dos viventes? Bibia estava agora menos rebelde.

-- Sou António Carrinho. E contou que era António Carrinho. Saiu de Sam-Nicolau num navio-de-baleia. Depois de seis meses de pescaria, tocaram em Dominica. Acamaradou com uns naturais, com quem esteve bebendo. Depois, por uma questão de mulheres, um deles deu-lhe dois lanhos no pescoço. Morreu, mas deixou sem cumprir uma promessa que havia feito, quando esteve doente de febres ruins, de rodear a igreja da Vila, de joelhos, com uma vela na mão. Agora voltava para pedir que rezassem orações para descanso da sua alma e desconto da promessa não cumprida. Bibia retomou o seu grito:

-- *Bocês câ matóme, bocês câ matóme!* Tinha mesmo olhar de quem estivesse a ver na sua frente a morte luzindo na ponta de uma navalha. Estendeu os braços para deante, como que a impedir que alguma coisa avançasse. Nhá Rosa Calita saía. Aproveitei a companhia. Botei-me para fora como quem sai de uma prisão. O ar fresco desoprimiu-me um pouco. Mas caminho a casa lá me chegava sempre o grito de Bibia. Toda a noite aquele grito me esteve martelando nos ouvidos:

-- *Não me matem, não me matem!* Sonhei que quatro homens, negros como carvão, avançavam para mim, de navalha aberta, para me matarem. Mas todos tinham a cara mesmo de Bibia, tal como a vi nessa noite – boca retorcida, olhos desvairados. Quando chegaram ao pé de mim soltearam uma gargalhada que parecia vinda do fundo do inferno. Quis gritar, mas tinha a garganta apertada. Só pude pedir:

-- Não me matem, não me matem!

BALTAZAR LOPES

Para além destas ondas que não param nunca...
...Há lutas que eu desejo
com a indomável ânsia dum cavalo preso à beira do caminho, todo o dia,
por onde passam cortejos de promessas, tentações, miragem,
que acordam de tempos a tempos a longa monotonia
da paisagem...

Atrás dêste horizonte sempre igual...

...Há certos desassossêgos pecaminosos
(que os petizes sonham em noites de libido:
debruçando-se em regaços ardentes, de veludo,
a sorver os perfumes inebriantes das flores do mal)...

E fico mudo
ouvindo o vento a cantar na penedia,
olhando as ondas que não param nunca,
o horizonte sempre igual,
e este sulco branco que umas hélices deixaram no mar
(onde se desfazem os ultimos esgares duma longa ironia
e no extremo do qual
flutua ainda
o perfil dum vapor que não me quis levar)...

MANUEL LOPES

ALMANJARRA

Terreiro de trapiche,
aromas adocicados do melaço
pontado na chieira dos tachos.

Volteiam os bois na roda intérmina da almanjarra...

– Vira boi
volta boi
quero uma noiva bonita
como as sereias do mar!

E os bois giram
giram mansamente
mastigando lembranças do canavial
na digestão das fôlhas do verde canavial.

Nhô Joca Morais conta casos
as crioulinhas côr-de-tâmara–madura...

ái tâmara
ái figo
de Por
tugal!

Peneira o sol no dorso cinzento da chã
ao longe,
– o Sol, grande calaceiro
que vai e volta
sempre no mesmo caminho
que faz
e refaz
continuamente...

E os olhos de Nhô Joca Morais
perseguem os seios de Maninha
que roda a pá do mel
na chieira dos tachos pontando.

– Agora vos vou contar
uma história divertida
dos pecadores da terra
das feiticeiras do mar:

-- O Boi-Douro foi-se banhar
nas águas do mar...

No cocuruto duma onda
apareceu uma moça
que tinha corpo de peixe
cabeça fina de gente.

Ela estava cantando...

E o boi foi seguindo
o camo da moça:

– limpa esta estrada
p'ra a moça passar!

No mar 'tava armado
um grande trapiche:
a cana era verde,
verde, da verdura
do mar...

– Eu quero-me afogar
canavial
no teu cabelo verde
canavial
da verdura do mar
canavial!

E os bois giravam, giravam...
Mansamente iam esmagando a cana
dos canaviais do mar...

Mas os olhos dos bois viraram verdes
verdes, da verdura do poente,
quando o sol encosta a cabeça
no seu travesseiro de nuvens...

Na pontinha da almanjarra
a moça estava cantando,
e os outros bois
quando ouviam a cantiga
ficavam pasmados
no canto da moça.

– Varada do mar
na bôca da ribeira,
paixão calada
mata a gente!

Mas o Boi-Dourado não ouvia nada...
Os seus olhos não viravam verdes
da côr do poente...
Os olhos de Boi-Dourado tinham a tristeza
de quem anda penando...

De repente,
a linha do sol-pôr se fêz encarnada;
a côr-de-fogo abraçou apertadamente
a linha do sol-pôr...
E então o mar abriu um grande funil
e nele se precipitou a moça-do-mar.
Uma faixa de lume começou aparecendo...
E os outros bois arregalaram os olhos...
Os olhos viraram vermelhos
vermelhos
côr de pano de rapariga
em dias de noivado...

E o canto da moça-do-mar
chamando...

– Arreda estas águas
para os bois irem à casa da moça-do-mar
ouvir a cantiga da moça-do-mar!

Só o Boi-Dourado não foi...

Continuou voltando, voltando...

Ainda hoje está voltando
numa almanjarra de espuma –
folhinhas brancas do mar...

OSVALDO ALCANTARA

APONTAMENTO

Podemos considerar em Cabo Verde dois grupos de cultura, se não totalmente diferenciados, pelo menos com características que em parte lhes definem fisionomia própria. E essa dualidade resulta, a meu ver, das bases económico-agrícolas em que assentou o teor de vida do arquipélago. Neste capítulo, dada a insuficiencia de materiais de estudo que permitam refazer a história económica e social das ilhas, temos de preencher as lacunas com ilações tiradas da situação actual e subsidiàriamente dos estudos levados a efeito no Brasil, para explicação do fenómeno brasileiro, em cuja integração actuaram os dois factores capitais da formação de Cabo Verde: o europeu e o afro-negro.

Na história económico-social de Cabo Verde dois regimes há a isolar: o latifundiário aplicado em S. Tiago, e o minimifundiário aplicado nas outras ilhas, nomeadamente em Barlavento. Este facto foi prenhe de consequências.

O patriarcalismo agrário de S. Tiago, com os característicos *morgadios*, servidos por grandes propriedades, criou um tipo de civilização semelhante às zonas brasileiras de economia escravocrata à sombra das casas-grandes com os engenhos. Tipo feudal-agrícola. Menor compensação e reciprocidade entre as duas classes, os senhores-*os brancos*-e os escravos. A escravidão mais acentuada, determinando no *badio* de S. Tiago um complexo de inferioridade ainda hoje bem visível. Maior fidelidade, no *badio*, às origens africanas, aos seus ritmos originários. Sobrevivência mais viva, em S. Tiago, dos elementos sociais e folklóricos característicos do clima da servidão.

Por outro lado, S. Tiago foi durante muito tempo depósito de escravos que, caçados desde o equador até cêrca do paralelo 30, eram arrecadados no ilheu de Santa Maria para mais tarde serem transportados para o Brasil. A Companhia de Grão Pará e Maranhão teve ali o seu depósito, e ainda hoje nas histórias de malassombrados do ilheu de Santa Maria passam, palpitantes, ecos do drama colonial.

O *badio*, isolado, não beneficiou na mesma medida dos seus irmãos das outras ilhas das consequências da miscegenação e da interpenetração de culturas que marcaram a acção do colonizador português. S. Tiago é em parte um compartimento estanque em Cabo Verde. Seus batuques evocando na insistencia monocórdica do cimbó o que ficou lá longe, em África. As tabancas, anunciadas por meio de cornetas de chifre de boi, com as suas missas grandes, em que num curioso sincretismo religioso as *bandeiras* são solenemente benzidas na igreja matriz. A fé nos bruxedos e histórias de malassombrados. A magia negra. Muita gente vai veladamente aos sitios recônditos do interior ter com o homem da magia negra para este *botar o inimigo na tamborona*, mediante mechas de cabelo, fotografias e roupas de baixo.

No grupo de Barlavento não vingou o tipo feudal-agrícola. A contrapor às campinas enormes de S. Tiago, pertencentes a um só individuo, há as pequenas hortas-jardins, especialmente em S. Nicolau, onde o dono, económicamente sempre deficitário, dificilmente pode abrir os braços sem empurrar o vizinho. Colonizadas por gente modesta, sem grandes recursos para aquisição de vasta mão-d'obra escrava, não havendo depósitos que lhes facultassem a compra imediata de escravos, as ilhas de Barlavento patriarcalizaram-se, transformando-se todos, senhores e escravos, numa família. A profunda interpenetração dos dois étnicos obedeceu à necessidade de obviar à escassês do capital escravo. Daí a miscegenação em grande, sendo que os filhos resultantes da união de senhores e escravos viriam a constituir o recurso necessário de mão-d'obra para a lavoura. Pelo sistema das heranças retalhou-se a propriedade num sem número de pequenas glebas. A necessidade de defesa militar teria também contribuido, a meu ver, para a profunda contemporização dos dois elementos. Perante os ataques sempre esperados dos piratas, e estando na ilha de S. Tiago a capital da colónia, houve à necessidade de fortificar com relativa eficiência os seus pontos capitais. Já não assim nas outras ilhas. Enquanto em S. Tiago, ao grito de "navio pirata ao longe", as fortalezas respondiam pela bôca das suas peças, nas restantes ilhas homens livres e escravos fraternalmente embalavam a trouxa e fugiam para o interior, irmanados todos deante do perigo comum. José Lins do Rego dá-nos uma idea do que seria essa colaboração perante o perigo quando, no Menino de Engenho, descreve uma cheia, com senhores de engenho e *cabras* do eito fugindo de conserva.

Fisionomias antagónicas nos dois núcleos caboverdeanos? Diferenças sem dúvida, mas que a meu ver não determinam irredutibilidade e impossibilidade de interpenetração cultural. A evolução tem de fazer-se, como diz Gilberto Freire para o Brasil, no sentido de tôdas as fôrças de cultura terem inteira oportunidade de expressão criadora.

O facto positivo é a criação em Cabo Verde de um ambiente de grande liberdade humana, nascida dêsse processus sut generis absolutamente portuguez, ao invés dos colonizadores anglo-saxónicos que, sempre munidos da piedosa Biblia protestante, asfixiaram moralmente o pobre negro em nome da grande Civilização, apertando-o nas tenazes da *colour line*, e não permitindo que ele se evadisse dêsse compartimento estanque. Por isso, enquanto o crioulo tem um sentido profundo da terra-mãi e por ela sente irremissivel apelo quando emigrante, o negro americano liberta a sua esperança de desforra social nas estridencias do jazz, na nostalgia dos blues ou em poemas de afirmação reivindicadora, como o de Langston Hughes - I *too am América*.

De um lado o equilíbrio dos étnicos, a reciprocidade de culturas, a liberdade, mesmo dentro da miséria ambiente; do outro o pensamento permanente na hora da revanche, da libertação da lei de Lynch.

JOÃO LOPES

"CLARIDADE" publicou
ARQUIPÉLAGO, poemas por JORGE BARBOSA
próxima edição
PARTIR, poemas por MANUEL LOPES

DEZ

poema

Cruzaste
mares
na aventura da pesca da baleia,
nessas viagens para a América
de onde às vezes os navios não voltam mais.

Tens as mãos calosas, de pu: ar
as enxárcias dos barquinhos no mar alto;
viveste horas de expectativas cruéis
na luta com as tempestades;
aborreceu-te êsse tédio marítimo
das longas calmarias intermináveis.

Sob o calor infernal das fornalhas
alimentaste de carvão as caldeiras dos vapores,
em tempo de paz
em tempo de guerra.

E amaste com o ímpeto sensual da nossa gente
as mulheres nos portos extrangeiros!

Em terra
nestas pobres ilhas nossas
és o homem da enxada
abrindo levadas à agua das ribeiras férteis.
cavando a terra sêca
nas regiões ingratas
onde às vezes a chuva mal chega,
onde às vezes a estiagem é uma aflição
e um cenário trágico de fome!

Levas aos *bailes nacionais*
a tua
melancolia
no fundo da tua alegria,
quando acompanhas as mornas com as posturas
graves do violão
ou apertas ao som da música crioula
as mulheres amoráveis contra o peito.
(A morna...
parece que é o eco em tua alma
da voz do Mar
e da nostalgia das terras mais ao longe
que o Mar te convida,
o eco
da voz da chuva desejada,
o eco
da voz interior de nós todos.
da voz interior da nossa tragédia sem eco!
A morna....
tem de ti e das coisas que nos rodeiam
a expressão da nossa humildade.
a expressão passiva do nosso drama,
da nossa revolta,
da nossa silenciosa revolta melancólica!)

A América...
A América acabou-se
para ti.
Fechou as portas à tua ânsia de expansão!

Essas aventuras pelos Oceanos
já não existem.
Existem apenas
nas histórias que contas do passado,
com o canhoto atravessado na bôca
e risos alegres
que não chegam a esconder
a tua
melancolia.

O teu destino...
O teu destino
sei lá!

Viver sempre vergado sôbre a terra,
a nossa terra
pobre
ingrata
querida!

Ser levado talvez um dia
na onda alta de alguma estiagem!
como um dêsses barquinhos nossos
que andam pelas Ilhas
e o Oceano acaba também por levar um dia!

Ou outro fim qualquer
humilde
anónimo...

Oh Caboverdeano humilde
anónimo,
-- meu irmão!

JORGE BARBOSA